



## 8º ENCONT É ABERTO EM PORTO ALEGRE COM MAIS DE 300 PARTICIPANTES

01/08



Na abertura do 8º Encontro Nacional dos Contabilistas das EFPCs (8º ENCONT), na manhã de hoje, em Porto Alegre, Roque Muniz de Andrade, presidente da ANCEP, e Luís Ricardo Marcondes Martins (foto), presidente da ABRAPP, saudaram o evento e reforçaram a sua relevância.

Para Roque, uma das principais motivações do evento consiste em entender a melhor estratégia para enfrentar os principais desafios contemporâneos. “Eu fico feliz em ver esse público em Porto Alegre, pois nossa missão é de fazer crescer de forma tecnicamente consistente a Previdência Complementar. Construir um país mais próspero e justo, confiante e renovado para o melhor”, salientou. De acordo com o presidente da ANCEP, é importante resgatar a esperança que sempre fez parte do brasileiro e, para isso, é necessário confiança. O ENCONT é representativo nesse sentido e reflete a força que a Previdência Complementar ganhou nesse país.

“Para convencer, hoje, um jovem a aderir a um plano de previdência, você precisa estar muito focado e os contadores têm feito papel importante. Temos que cooperar, apresentar o segmento, contribuir para o aprimoramento normativo e qualificar os nossos profissionais”, disse Roque.

Entendimento semelhante tem o presidente da ABRAPP Luís Ricardo Marcondes Filho. “Esse evento mostra a importância do sistema. Um encontro com um conteúdo moderno e técnico, de um sistema que tem grandes desafios e os cumpre rigorosamente”,

afirmou o Luís Ricardo. Segundo o presidente, é imperativo fazer a Previdência Complementar chegar ao maior número de pessoas possível e, de acordo com ele, a notícia boa é a longevidade.

“Não podemos perder a oportunidade única de mudar a estrutura do Regime Geral. São mais de 7 mil profissionais certificados pelo ICSS. A quem diga que chegou a morte da morte, então é fundamental que a gente mexa nessa estrutura, sem abandonar o primeiro pilar, que tem fundamentação social. Nós temos finalidade social. O sistema é um parceiro do Estado brasileiro. Nós somos o único veículo de longo prazo no país. Nós temos uma grande demanda reprimida e isso mostra que este é um momento especial para o sistema. Estamos vivendo um momento histórico.”

Luís Ricardo destaca também o sucesso do plano família e dos fundos instituídos. Para o presidente da ABRAPP, “o plano setorial família deu certo, decolou, graças ao esforço de muita gente”. “Um sistema que já acumulou 11 bilhões e que não para de crescer. O sistema está pronto para chegar longe”, afirmou o presidente.

## Fundos de previdência aberta tendem a decepcionar no longo prazo

De acordo com informações da Economatica, em meio a um universo amplo de fundos de previdência, que inclui fundos de cotas, os retornos mais favoráveis de curto prazo contrastam com as rentabilidades vistas no longo prazo, noticia o site **INFOMONEY**.

Ao longo dos últimos 12 meses, o retorno mediano de 1.477 fundos foi de 158,10%, com 1.251 igualando ou superando a variação do CDI. Conforme o tempo aumenta, contudo, as rentabilidades diminuem. No acumulado de dez anos, apenas 16% dos planos de previdência renderam mais que o CDI.

Os planos de previdência de maior risco, como os multimercado e os de ações, que tiveram um bom retorno em prazos mais curtos, decepcionaram em períodos mais longos.

Os fundos de previdência de ações entregaram de longe os maiores retornos do mercado nos últimos cinco anos. Mas, quando o quadro mira o mais longo prazo, de dez anos (a partir do qual resgates de planos com modalidade tributária regressiva começam a ter a menor alíquota de Imposto de Renda, de 10%), a história muda. Nesse horizonte, os fundos de ações performam abaixo tanto do Ibovespa quanto do CDI.

## Novos cortes de juros devem levar fundos de pensão para investimentos com maior risco

O novo ciclo de queda do juros que deve começar nesta quarta-feira pressionará os fundos de pensão a deixarem de lado a postura conservadora em busca investimentos mais arriscados, informa **O GLOBO** em sua edição digital.

A consultoria Aditus prevê que, entre 118 fundações com patrimônio de R\$ 207 bilhões, R\$ 19 bilhões devam sair da renda fixa rumo a investimentos mais arrojados até o fim de 2020. Mas o movimento pode ser ainda mais intenso, já que os maiores fundos de pensão de estatais não estão na conta.

Desde 2016, quando a Selic estava a 14,25%, a fatia dos recursos dos fundos em renda variável ficou estável, em torno de 18%, de acordo com a Abrapp, associação do setor. Segundo especialistas, isso ocorreu porque a turbulência política do período aumentou a volatilidade da Bolsa e elevou os juros futuros, tornando os títulos de renda fixa mais vantajosos. Agora, a rentabilidade desses papéis não atende mais às metas dos fundos.

Segundo Guilherme Benites, sócio da Aditus, o desafio é maior nos planos mais novos, já que os mais maduros (de benefício definido, BD) acumularam estoque elevado de títulos públicos com juros atraentes.